

BLOCO MÁGICO

BOLETIM DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE



25 ANOS

ALAIN DIDIER-WEILL
E A INSISTÊNCIA
PSICANALÍTICA

▪ 3

Marco Antonio
Coutinho Jorge

NÃO HÁ CRISE
NA PSICANÁLISE

▪ 6

Jacques Lacan

DIDIER-WEILL
PROCURA COTIDIANO
DE SURPRESAS

▪ 14

Alain Didier-Weill

UMA PONTE
SOBRE O ABISMO

▪ 17

Alain Didier-Weill

E mais...

EDITORIAL

Caros leitores,

é com satisfação que iniciamos o primeiro trimestre do ano compartilhando a edição 16 do Bloco Mágico. Que em 2020 possamos seguir juntos no propósito de fazer circular as produções de pesquisa e transmissão da psicanálise, assim como de difundir as variadas atividades realizadas nas Seções e Núcleos de nossa Escola. Para tanto, reafirmamos aqui nosso modo colaborativo de trabalho; sejam, pois, continuamente bem-vindos a participar!

Ainda sob os efeitos do IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise *O Mundo e o Imundo – a psicanálise diante do horror*, realizado em novembro de 2019, de forma oportuna para esta edição, lembramos a fala de Marco Antonio Coutinho Jorge na abertura do evento.

Com o intuito de promover a reflexão e o debate em psicanálise e também de pensar a respeito da função do psicanalista nos tempos atuais, esta publicação apresenta uma compilação de entrevistas dadas por Lacan e Alain Didier-Weill que nos traz um recorte do pensamento e da obra dos referidos autores.

Jacques Lacan, em entrevista concedida a Emilio Granzotto, em 1974, alerta sobre os perigos do retorno da religião e do cientificismo, apostando na psicanálise

como única defesa contra as angústias contemporâneas. Lacan enfatiza: “*A psicanálise é a rainha da palavra, não há outro remédio... A palavra é a grande força da psicanálise.*”

Na esteira dos grandes da história da psicanálise, Alain Didier-Weill, nos anos de 1995 e 1996, em suas primeiras estadas no Rio de Janeiro e já com profícuo diálogo e estreitada convivência com o Corpo Freudiano, foi entrevistado por jornais brasileiros. Coube a Betty Milan, em matéria especial para o *Estado de São Paulo*, entrevistá-lo e propiciar ao leitor um pouco da história e do percurso do interlocutor privilegiado de Lacan.

Dentre outras relevâncias, tal texto aponta para a importância da surpresa e da presença do jogo e da arte na teoria psicanalítica do autor. Didier-Weill nos diz: “*Precisamos reencontrar a possibilidade de nos surpreender que tínhamos na infância. A surpresa é a irrupção na vida cotidiana de uma experiência que nos priva do que já sabíamos.*”

Na sequência, trazemos a conversação de Alain Didier-Weill concedida à Cristina Lacerda e publicada na *Tribuna da Imprensa*. Trata-se, certamente, de mais uma oportunidade de percorrer o criativo e enriquecedor pensamento do psicanalista francês. Em suas palavras: “*A fixidez do olhar conduz ao estupor místico... uma das formas*

mais perigosas do entusiasmo bestificante é a que faz ouvir a voz do fascismo." Nada mais atual.

Por fim, indicamos, ainda, que as programações e atividades das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se disponibilizadas no site da Escola e também nas respectivas páginas oficiais de *Facebook*.

Desejamos a todos boas leituras e reflexões!

Rio de Janeiro, março de 2020

TANIA ROSAS
Editora

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: ARTHUR PEREIRA, CASSIA AMARA AZEVEDO, MACLA NUNES, MARIA CECÍLIA SOUSA E THOMAS SPERONI

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

blocomagico@corpofreudiano.com.br

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br

www.corpofreudiano.com.br



BRASIL

SEÇÕES

Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Cuiabá (MT)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)

Teresina (PI)

NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)
Dourados (MS)
João Pessoa (PB)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
São Paulo (SP)
Teresópolis (RJ)
Vassouras (RJ)

FRANÇA

SEÇÃO
Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO
Boston

ALAIN DIDIER-WEILL

E A INSISTÊNCIA PSICANALÍTICA

Por MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE

Fala proferida na abertura do
IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional
do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

Bem-vindos ao IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano, que comemora este ano 25 anos de existência. Nesta mesa de Abertura, decidimos homenagear Alain Didier-Weill (ADW), presença marcante em nossa Escola desde sua fundação, que faleceu ano passado em Paris, quando estávamos em Cuiabá durante o VIII Encontro. O Corpo Freudiano de Paris e de São Paulo realizaram belíssimas homenagens a ele e o Rio deixou para fazê-lo hoje em nossa reunião anual.

A presença de Alain Didier-Weill em nossa Escola foi contínua. Já em dezembro de 1995, apenas quatro meses após a fundação do Corpo Freudiano, ele esteve presente conosco num longo seminário sobre *Lacan e a clínica psicanalítica*, publicado sob esse título. A partir daí, nossas trocas foram sistemáticas e constituíram um espaço interinstitucional fecundo com a *Association Insistance*, fundada por ele em Paris em 2002. Assim, fundado 8 anos antes de *Insistance*, o Corpo Freudiano foi seu irmão mais velho e recebeu as marcas do ensino de ADW bem antes. A primeira vez que ADW falou sobre a proposta do procedimento do

passo interinstitucional, por exemplo, ideia que conquistou uma significativa representatividade no mundo analítico, foi no Rio de Janeiro numa conferência proferida em 15/04/1997. Além disso, é bastante significativo que o primeiro livro de ADW publicado no mundo tenha sido *Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise*, coletânea de artigos que apareceu em 1988 na coleção que eu dirijo desde então para a editora Zahar, sete anos antes de sua obra-prima *Os três tempos da lei* sair em francês.

Num livro que eu organizei em 2006 e que está sendo relançado hoje, em segunda edição revisada, sobre *Lacan e a formação do psicanalista*, pude repertoriar os aportes de Lacan aos três aspectos do tripé clássico que compõe desde Freud a formação: análise pessoal, ensino teórico e supervisão clínica. Pude chamar atenção para o fato de que Lacan não rompeu com a tradição, mas introduziu reflexões importantes em relação a cada um desses três elementos. Seu objetivo sempre foi aplicar o discurso psicanalítico às instâncias institucionais.

Tendo vivido a turbulência e a saturação da Escola Freudiana de Paris em seu auge, após sua dissolução, Didier-Weill jamais se interessou em criar um espaço institucional dedicado à formação do psicanalista.

Insistance, da qual eu e Denise Maurano somos membros, funcionou como um centro de estudos de psicanálise, arte e política. Poucos sabem que o Corpo Freudiano de Paris, fundado por Paolo Lollo e Cristiane Lollo em 14/06/2016, visou precisamente preencher essa hiância deixada vaga por *Insistance* e fazer uma ponte entre *Insistance* e a formação analítica.

Contudo, o trabalho de reflexão teórica de Didier-Weill, efetuado na esteira das contribuições maiores de Jacques Lacan – em cujo dispositivo do passe ele foi um dos primeiros a ser reconhecidos como psicanalista – trouxe aportes inestimáveis aos problemas levantados pela formação psicanalítica. A noção de *insistituição*, por ele inventada, condensa tais aportes e reaviva concepções lacanianas fundamentais, assim como enfatiza o gume cortante que o discurso psicanalítico introduz no laço social. A palavra *insistituição* (*insistuition*) é um neologismo formal que, como tal, condensa duas outras palavras – insistência (*insistance*) e instituição (*institution*), criando precisamente um sentido novo que afeta a estabilidade repetitiva e monótona da instituição, inoculando-lhe a dimensão da insistência própria ao inconsciente, que obriga ao não esquecimento do desejo, já que o princípio de prazer tende a produzir sistematicamente este esquecimento.

O dispositivo do passe foi o foco de atenção principal dessa reflexão e, se por um lado, Didier-Weill reconheceu a legitimidade em dar-se ao analista a palavra final sobre sua própria formação – esperança que Lacan depositou no empreendimento de sua Escola, e que foi considerado por ele próprio como um fracasso –, por outro, apontou as falhas inerentes ao dispositivo laciano: a

nomeação dada pelo júri não obedecia ao modo de operar do inconsciente e se produzia como uma resposta egoica, consciente, à escuta do que os passadores levaram até ele do que ouviram do passante.

O tempo para compreender, como Freud já o mostrara em seu ensaio sobre *Construções em análise*, absolutamente necessário para que a resposta dada corresponda a uma elaboração inconsciente, não era respeitado. Além disso, ADW viu na resposta coletiva do júri do passe o equívoco de se tratar o inconsciente do ponto de vista democrático pela aprovação ou não dada através do voto.

Se o passe para Lacan se vinculava estreitamente à busca da transmissibilidade da psicanálise e se aliava na última fase de seu ensino à confecção de matemas que possuíam o mesmo fim, ADW mostrou que a transmissão pode se dar, mas não completamente, até mesmo para um único membro do júri, e, ainda assim, ser efetiva. ADW retificou, assim, a meu ver, a ambição laciana do passe matêmico em prol do passe analítico.

Em sua desconstrução do dispositivo do passe laciano, ADW questionou igualmente a nomeação dos analistas, e ponderou que os nomes AP, AME e AE não são passíveis de nomear a identidade do analista. Além disso, a nomeação reabre as portas da hierarquia, contra a qual Lacan se insurgiu no protocolo burocrático proposto pela IPA (análise didática, supervisor etc), e outorga à instituição o caráter *instituinte* que tende a manter a transferência com o Outro não analisada, ao se colocar como Outro não barrado.

O título de AE significava, ao contrário, para Lacan, a entronização do furo do A/, que

permite furar o outro institucional a partir da experiência da análise da transferência. Ao acrescentar à noção freudiana de trabalho da transferência o sintagma *transferência de trabalho*, que a inverte, Lacan propõe implicitamente essa charneira que supõe a necessidade de o analista articular os significantes de Freud aos seus próprios significantes. Foi isso que eu propus ao criar a noção de *travessia da teoria*, parafraseando a noção lacaniana de travessia da fantasia, expressão que Macla Nunes aplica no seminário que desenvolve sobre história da psicanálise na Seção Rio de Janeiro.

“O psicanalista só se autoriza por si mesmo, e por alguns outros”: Didier-Weill se debruçou sobre essa fórmula lacaniana inúmeras vezes, pois ela explicita a charneira a partir da qual a análise pessoal – verdadeira formadora de um analista – se vincula à Escola e aos pares. A Escola deve se esmerar em manter o discurso psicanalítico vigorando para preservar os analistas do pensamento frígido e do pensamento da pureza. Este último é sustentado por algumas Escolas em que o ideal da ortodoxia reina, apesar do cômico que significa o “autorizar-se a si mesmo a ser ortodoxo”. Já o pensamento frígido é aquele que “cessa de ser afetado pelo real [...] que se acha capaz de enunciar um saber não-dividido sobre a verdade”¹.

Minha intervenção sobre a *insistência* num colóquio sobre o horror tem como moldura

o momento em que o Corpo Freudiano faz 25 anos, e entra numa segunda era de existência, e em que o Brasil implora por uma presença discursiva potente e salutar que ilumine as trevas que se abateram sobre o país. A Escola está se preparando para repensar sua estrutura no que diz respeito precisamente à formação analítica. A *insistência* requer contínuo tratamento analítico de sua estrutura e de seu funcionamento, pois como observou Lacan “só operamos no funcionamento”. Nossa aposta reside na capacidade dos operadores analíticos, dando continuidade à obra de Freud e ao ensino de Lacan, refletirem sobre o mundo a nossa volta.

Agradeço a todos participantes, do Brasil e do exterior pela presença; à Comissão de Organização do IX Encontro que preparou, durante meses, os próximos três dias em que estaremos juntos; à Diadorim Ideias que nos ofertou como brinde o belíssimo catálogo cultural do Rio de Janeiro; à querida amiga Cristina Zahar, aqui presente, que tem sido uma incansável trabalhadora em prol da psicanálise com a edição da obra de Lacan e de muitos trabalhos importantes, e, em especial muitos trabalhos de membros de nossa Escola.

Muito obrigado a todos vocês. E está aberto o IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Segunda Era.

MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE é Psicanalista; Psiquiatra; Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro; Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Membro da *Association Insistance* e Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise.

¹ Didier-Weill, A. *Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise*. p. 8.

NÃO HÁ CRISE NA PSICANÁLISE

Entrevista de JACQUES LACAN

A Emilio Granzotto

Nesta entrevista concedida em 1974, Jacques Lacan, como bom profeta, alerta sobre os perigos do retorno da religião e do cientificismo: a psicanálise é para ele o único baluarte aceitável contra as angústias contemporâneas. Colocações de uma surpreendente atualidade.

Emilio Granzotto – Fala-se cada vez mais frequentemente de crise da psicanálise. Sigmund Freud, dizem, está ultrapassado, a sociedade moderna descobriu que sua obra não seria suficiente para compreender o homem nem para interpretar a fundo sua relação com o mundo.

Jacques Lacan – São histórias. Em primeiro lugar, a crise. Ela não existe, não pode existir. A psicanálise não encontrou exatamente seus próprios limites, ainda não. Ainda há tanto a descobrir na prática e no conhecimento. Em psicanálise, não há solução imediata, mas somente a longa e paciente busca das razões. Em segundo lugar, Freud.

Como julgá-lo ultrapassado se nós ainda não o compreendemos inteiramente? O que é certo, é que ele nos fez conhecer coisas extremamente novas, que não poderíamos nem imaginar antes dele. Desde os problemas do inconsciente à importância da

sexualidade, do acesso ao simbólico ao assujeitamento às leis da linguagem.

Sua doutrina colocou em questão a verdade, é algo que concerne a todos e cada um pessoalmente. Uma crise é outra coisa. Eu o repito: estamos longe de Freud. Seu nome serviu para cobrir muitas coisas, houve desvios, os epígonos nem sempre seguiram fielmente o modelo, confusões foram criadas. Após sua morte, em 1939, alguns de seus alunos também pretenderam exercer a psicanálise de maneira diferente, reduzindo seu ensinamento a alguma fórmula banal: a técnica como ritual, a prática como restrita ao tratamento do comportamento, e como meio de readaptação do indivíduo a seu meio social. É a negação de Freud, uma psicanálise de conforto, de salão.

Ele próprio o havia previsto. Há três posições insustentáveis, dizia ele, três tarefas impossíveis: governar, educar e exercer a psicanálise. Atualmente, pouco importa quem assume a responsabilidade de governar, e todo o mundo se pretende educador. Quanto aos psicanalistas, graças a Deus, eles prosperam, como os magos e curandeiros. Propor às pessoas ajudá-las significa um sucesso assegurado, e a clientela se acotovelando na porta. A psicanálise é outra coisa.

Emilio Granzotto – O que exatamente?

Jacques Lacan – Eu a defino como sintoma – revelador do mal-estar da civilização na qual vivemos. Certo, não é uma filosofia. Detesto a filosofia, há tanto tempo ela não diz nada de interessante. A psicanálise também não é uma fé, e não me agrada chamá-la de ciência. Digamos que é uma prática e que ela se ocupa do que não está funcionando. Terrivelmente difícil porque ela pretende introduzir na vida do dia a dia o impossível, o imaginário. Ela obteve alguns resultados até o presente, mas ainda não tem regras e se presta a toda sorte de equívocos.

É preciso não esquecer que se trata de algo totalmente novo, seja do ponto de vista da medicina, seja do da psicologia e seus anexos. Ela também é muito jovem. Freud morreu há apenas trinta e cinco anos. Seu primeiro livro, *A interpretação dos sonhos*, foi publicado em 1900 com muito pouco sucesso. Foram vendidos, creio, trezentos exemplares em alguns anos. Ele tinha poucos alunos, tomados por loucos e nem mesmo de acordo com a maneira de colocar em prática e de interpretar o que tinham aprendido.

Emilio Granzotto – O que não funciona hoje no homem?

Jacques Lacan – É essa grande lassidão, a vida como consequência da corrida pelo progresso. Através da psicanálise, as pessoas esperam descobrir até onde podemos ir carregando essa lassidão.

Emilio Granzotto – O que empurra as pessoas a se fazer analisar?

Jacques Lacan – O medo. Quando lhe acontecem coisas, mesmo desejadas por ele, coisas que ele não compreende, o homem tem medo. Ele sofre por não compreender, e pouco a pouco cai num estado de pânico. É a neurose. Na neurose histérica, o corpo fica doente de medo de estar doente, e sem estar na realidade. Na neurose obsessiva, o medo coloca coisas bizarras na cabeça, pensamentos que não podemos controlar, fobias nas quais as formas e os objetos adquirem significações diversas e que dá medo.

Emilio Granzotto – Por exemplo?

Jacques Lacan – Acontece ao neurótico se sentir pressionado por uma necessidade assustadora de ir dezenas de vezes verificar se uma torneira está realmente fechada, ou se uma coisa está no lugar correto, sabendo entretanto, com certeza, que a torneira está como deve estar e que a coisa está no lugar onde ela deve se achar. Não há pílulas para curar isso. É preciso descobrir porque isso acontece conosco, e saber o que isso significa.

Emilio Granzotto – E o tratamento?

Jacques Lacan – O neurótico é um doente que se trata com a palavra e, acima de tudo, com a dele. Ele deve falar, contar, explicar-se a si próprio. Freud define a psicanálise como a assunção da parte do sujeito de sua própria história, na medida em que ela é constituída pela palavra endereçada a um outro. A psicanálise é a rainha da palavra, não há

outro remédio. Freud explicava que o inconsciente não é tão profundo quanto inacessível ao aprofundamento consciente. E ele dizia que nesse inconsciente, aquele que fala é um sujeito dentro do sujeito, transcendendo o sujeito. A palavra é a grande força da psicanálise.

Emilio Granzotto – Palavra de quem? Do doente ou do psicanalista?

Jacques Lacan – Em psicanálise, os termos “doente”, “médico”, “remédio” não são mais justos que as fórmulas no passivo que adotamos comumente. Dizemos: se fazer psicanalisar. É um erro. Aquele que se faz o verdadeiro trabalho em psicanálise é aquele que fala, o sujeito analisante. Mesmo se ele o faz da maneira sugerida pelo analista, que lhe indica como proceder e o ajuda por suas intervenções, lhe é também fornecida uma interpretação.

À primeira vista, ela parece dar um sentido ao que o analisante diz. Na realidade, a interpretação é mais sutil, tendendo a apagar o sentido das coisas pelas quais o sujeito sofre. O objetivo é mostrar-lhe, através de sua própria narrativa, que o sintoma, a doença digamos, não tem nenhuma relação com nada, que ela é privada de qualquer sentido que seja. Mesmo se na aparência ela é real, ela não existe.

As vias pelas quais esse ato da palavra procede reclamam muita prática e uma infinita paciência. A paciência e a medida são os instrumentos da psicanálise. A técnica consiste em saber medir a ajuda que damos ao sujeito analisante. Em consequência, a psicanálise é difícil.

Emilio Granzotto – Quando falamos de Jacques Lacan, associamos inevitavelmente esse nome a uma fórmula, o “retorno a Freud”. O que isso significa?

Jacques Lacan – Exatamente o que é dito. A psicanálise é Freud. Se queremos fazer psicanálise, é necessário voltar a Freud, a seus termos e a suas definições, lidos e interpretados no sentido literal. Fundei em Paris uma Escola freudiana precisamente com esse objetivo. Há vinte anos ou mais que exponho meu ponto de vista: retornar a Freud significa simplesmente tirar o terreno dos desvios e dos equívocos da fenomenologia existencial, por exemplo, como do formalismo institucional das sociedades psicanalíticas, retornando à leitura do ensinamento de Freud segundo os princípios definidos e enumerados a partir de seu trabalho. Rer Freud quer dizer somente rer Freud. Quem não faz, em psicanálise, utiliza uma fórmula abusiva.

Emilio Granzotto – Mas Freud é difícil? E Lacan, dizem, o torna completamente incompreensível. A Lacan repreende-se falar e, sobretudo, escrever de tal maneira que somente poucos adeptos podem esperar compreender.

Jacques Lacan – Eu sei, tornam-me um obscuro que esconde seu pensamento em cortinas de fumaça. Eu me pergunto por que. A propósito da análise, repito com Freud que é “o jogo intersubjetivo através do qual a verdade entra no real”. Não está claro? Mas a psicanálise não é um negócio para crianças.

Meus livros são definidos como incompreensíveis. Mas para quem? Eu não os escrevi para todo o mundo, para que

sejam compreendidos por todos. Ao contrário, nunca me ocupei minimamente de qualquer leitor que seja. Eu tinha coisas a dizer e as disse. É-me suficiente ter um público que leia. Se ele não compreende, paciência. Quanto ao número de leitores, tive mais sorte que Freud. Meus livros são mesmo muito lidos, fico surpreso com isso.

Também estou convencido de que em dez anos, no máximo, aquele que me lerá me achará extremamente transparente, como um belo copo de cerveja. Talvez até se diga então: “Esse Lacan, que banalidade!”

Emilio Granzotto – Quais são as características do lacanismo?

Jacques Lacan – É um pouco cedo para dizê-lo, no momento em que o lacanismo ainda não existe. Sentimos dele apenas o cheiro, como pressentimento.

Lacan, em todos os casos, é um senhor que pratica a psicanálise há pelo menos quarenta anos, e que há tantos anos a estuda. Eu creio no estruturalismo e na ciência da linguagem. Escrevi em meu livro que “aquilo a que nos leva a descoberta de Freud é a enormidade da ordem na qual entramos, na qual nascemos, se podemos nos exprimir assim, uma segunda vez, saindo do estado chamado a justo título *infans*, sem palavra”.

A ordem simbólica sobre a qual Freud fundou sua descoberta é constituída pela linguagem como momento do discurso universal concreto. É o mundo da palavra que cria o mundo das coisas, inicialmente confusas em tudo aquilo que está em devir. Há somente as palavras para dar um sentido completo à essência das coisas. Sem as

palavras, nada existiria. O que seria o prazer sem o intermediário da palavra?

Minha opinião é que Freud, enunciando em suas primeiras obras – *A interpretação dos sonhos*, *Além do princípio do prazer*, *Totem e tabu* – as leis do in- consciente, formulou, em precursor, as teorias com as quais alguns anos mais tarde Ferdinand de Saussure teria aberto a via à linguística moderna.

Emilio Granzotto – E o pensamento puro?

Jacques Lacan – Ele está submetido, como todo o resto, às leis da linguagem. Somente as palavras podem engendr-lo e dar-lhe consistência. Sem a linguagem, a humanidade não daria um passo adiante nas pesquisas / buscas do pensamento. É o caso da psicanálise. Qualquer que seja a função que possamos lhe atribuir, agente de cura, formação ou de sondagem, há apenas um meio do qual nos servimos: a palavra do paciente. E toda palavra merece resposta.

Emilio Granzotto – A análise como diálogo, portanto. Há pessoas que a interpretam mais como um sucedâneo da confissão.

Jacques Lacan – Mas que confissão? Ao psicanalista confessamos um belo nada. Deixamo-nos ir a lhe dizer simplesmente tudo que se passa pela cabeça. Palavras, precisamente. A descoberta da psicanálise é o homem como animal falante. Cabe ao analista ordenar as palavras que ele ouve e dar-lhes um sentido, uma significação. Para fazer uma boa análise, é necessário o acordo, o entendimento entre o analisante e o analista.

Através do discurso de um, o outro procura imaginar do que se trata e encontrar, além do sintoma aparente, o nó difícil da verdade. A outra função do analista é explicar o sentido das palavras para fazer compreender ao paciente o que se pode esperar da análise.

Emilio Granzotto – É uma relação de extrema confiança.

Jacques Lacan – Mais uma troca, na qual o importante é que um fala e o outro escuta. Também o silêncio. O analista não faz pergunta e não tem ideias. Ele só dá as respostas que ele quer realmente dar às questões que sua vontade suscita. Mas ao final, o analisante vai sempre aonde seu analista o leva.

Emilio Granzotto – O senhor acaba de falar do tratamento. Há possibilidade de curar? Sai-se da neurose?

Jacques Lacan – A psicanálise tem sucesso quando ela limpa o terreno, sai do sintoma, sai do real. Quer dizer, quando ela chega à verdade.

Emilio Granzotto – O senhor pode enunciar o mesmo conceito de uma maneira menos lacaniana?

Jacques Lacan – Eu chamo sintoma tudo aquilo que vem do real. E o real tudo aquilo que não vai bem, que não funciona, que se opõe à vida do homem, ao afrontamento de sua personalidade. O real volta sempre ao mesmo lugar. Você sempre o encontrará lá, com os mesmos semblantes. Por mais que

os cientistas digam que nada é impossível no real. É preciso ter um grande topete para afirmar coisas desse gênero, ou então, como eu suspeito, a total ignorância do que se faz e diz.

O real e o impossível são antitéticos, eles não podem caminhar juntos. A análise empurra o sujeito para o impossível, ela lhe sugere considerar o mundo como ele é realmente, isto é, imaginário, sem significação. Enquanto que o real, como um pássaro voraz, só faz se alimentar de coisas sensatas, de ações que têm sentido.

Ouve-se repetir que é preciso dar um sentido a isso e a aquilo, a seus próprios pensamentos, a suas próprias aspirações, aos desejos, ao sexo, à vida. Mas da vida não sabemos nada de nada. Os sábios perdem o fôlego a nos explicar.

Meu medo é que por seus erros, o real, essa coisa monstruosa que não existe, acabe por conseguir, por levar a melhor. A ciência é substituída pela religião, e ela é de outra maneira mais despótica, obtusa e obscurantista. Há um deus-átomo, um deus-espaço etc. Se a ciência ganha ou a religião, a psicanálise está acabada.

Emilio Granzotto – Atualmente, que relação existe entre a ciência e a psicanálise?

Jacques Lacan – Para mim, a única ciência verdadeira, séria, a ser seguida, é a ficção científica. A outra, a oficial, que tem seus altares nos laboratórios, avança às cegas, sem meio correto. E ela até começa a ter medo de sua sombra.

Parece que chegou o momento da angústia para os sábios. Em seus laboratórios

assépticos, alinhados em seus jalecos engomados, esses velhos bambinos que brincam com coisas desconhecidas, fabricando aparelhos cada vez mais complicados e inventando fórmulas cada vez mais obscuras, começam a se perguntar o que poderá acontecer amanhã, o que essas pesquisas sempre novas acabarão por trazer. Enfim! Digo. E se fosse muito tarde?

Os biólogos se perguntam agora, ou os físicos, os químicos. Para mim, eles são loucos. Já que eles já estão mudando a face do universo, vem-lhes ao espírito somente agora se perguntar se por acaso isso pode ser perigoso. E se tudo explodisse? Se as bactérias criadas tão amorosamente nos brancos laboratórios se transformassem em inimigos mortais? Se o mundo fosse varrido por uma horda dessas bactérias com toda a merda que o habita, a começar por esses sábios dos laboratórios?

Às três posições impossíveis de Freud, governo, educação, psicanálise, eu acrescentaria uma quarta, a ciência. Ademais, que os sábios não sabem que sua posição é insustentável.

Emilio Granzotto – Eis uma versão bastante pessimista do que chamamos progresso.

Jacques Lacan – Não, é algo completamente diferente. Eu não sou pessimista. Nada acontecerá. Pela simples razão de que o homem é uma porcaria, nem mesmo capaz de destruir a si próprio. Pessoalmente, acharia maravilhoso um flagelo total produzido pelo homem. Isso seria a prova de que ele conseguiu fazer alguma coisa com suas mãos, sua cabeça, sem intervenções divina, natural ou outros.

Todas essas belas bactérias superalimentadas para a diversão, espalhadas através do mundo como os gafanhotos da Bíblia, significariam o triunfo do homem. Mas isso não acontecerá. A ciência atravessa felizmente essa crise de responsabilidade, tudo entrará na ordem das coisas, como se diz. Eu anunciei: o real levará vantagem, como sempre. E nós estaremos, como sempre, ferrados.

Emilio Granzotto – Outro paradoxo de Jacques Lacan. Censuram-lhe, além da dificuldade da língua e a obscuridade dos conceitos, os jogos de palavras, os gracejos de linguagem, os trocadilhos à francesa e, justamente, os paradoxos. Aquele que escuta o que lê o senhor tem o direito de se sentir desorientado.

Jacques Lacan – De fato, eu não brinco, digo coisas muito sérias. Eu apenas me sirvo da palavra como os sábios de que falei de seus almanaques e de suas mon-tagens eletrônicas. Eu procuro me referir sempre à experiência da psicanálise.

Emilio Granzotto – O senhor diz: o real não existe. Mas o homem médio sabe que o real é o mundo, tudo que o cerca, que ele vê a olho nu, toca.

Jacques Lacan – Livremo-nos também desse homem médio que, em primeiro lugar, não existe. É apenas uma ficção estatística. Existem indivíduos, é tudo. Quando ouço falar do homem da rua, de pesquisas de opinião, de fenômenos de massa e de coisas desse gênero, penso em todos os pacientes que vi passar pelo divã em quarenta anos de escuta. Nenhum, em

qualquer medida, é semelhante ao outro, nenhum tem as mesmas fobias, as mesmas angústias, o mesmo modo de contar, o mesmo medo de não compreender. O homem médio, quem é? Eu, o senhor, meu zelador, o presidente da República?

Emilio Granzotto – Nós falávamos de real, do mundo que todos nós vemos.

Jacques Lacan – Justamente. A diferença entre o real, isto é, o que não vai bem, e o simbólico, o imaginário, isto é, a verdade, é que o real é o mundo. Para constatar que o mundo não existe, que ele não está aqui, é suficiente pensar em todas as banalidades que uma infinidade de imbecis acreditam ser o mundo. E convido meus amigos da *Panorama*, antes de me acusarem de paradoxo, a refletirem bem sobre o que leram apenas.

Emilio Granzotto – Dir-se-ia que o senhor está cada vez mais pessimista.

Jacques Lacan – Não é verdade. Não me enquadro nem entre os alarmistas nem entre os angustiados. Infeliz do psicanalista que não tiver ultrapassado o estágio da angústia. É verdade, existem à nossa volta coisas horripilantes e devoradoras, como a televisão pela qual uma grande parte de nós é fagocitada. Mas isto é apenas porque existem pessoas que se deixam fagocitar, que até inventam um interesse para aquilo que elas veem. E depois há outras coisas monstruosas devoradoras de outra maneira: os foguetes que vão à lua, as pesquisas no fundo dos oceanos etc. Todas as coisas que devoram. Mas não há porque se fazer um drama disso. Estou certo de que assim que

estivermos de saco cheio de foguetes, da televisão e de todas suas malditas pesquisas no vazio, encontraremos outra coisa com a qual nos ocuparmos. É uma revivescência da religião, não é? E que melhor monstro devorador do que a religião? É uma festa contínua com a qual se diverte por séculos como isso já foi demonstrado.

Minha resposta a tudo isso é que o homem sempre soube se adaptar ao mal. O único real que podemos conceber, ao qual temos acesso, é justamente este, será preciso se fazer uma razão: dar um sentido às coisas, como dizíamos. De outra forma, o homem não teria angústia, Freud não teria se tornado célebre e eu seria professor de segundo grau.

Emilio Granzotto – As angústias são todas dessa natureza ou existem angústias ligadas a certas condições sociais, a certa época histórica, a certas latitudes?

Jacques Lacan – A angústia do sábio que tem medo de suas descobertas pode parecer recente. Mas o que sabemos nós do que aconteceu em outros tempos? Dos dramas de outros pesquisadores? A angústia do operário escravo da cadeia de montagem ou a de um remador de galera é a angústia de hoje. Ou, mais simplesmente, ela está ligada às definições e palavras de hoje.

Emilio Granzotto – Mas o que é a angústia para a psicanálise?

Jacques Lacan – Algo que se situa fora de nosso corpo, um medo, mas de nada, que o corpo, espírito incluído, possa motivar. O

medo do medo, em suma. Muitos desses medos, muitas dessas angústias, no nível em que os percebemos, têm a ver com o sexo. Freud dizia que a sexualidade é sem remédio e sem esperança. Uma das tarefas do analista é encontrar na palavra do paciente a relação entre a angústia e o sexo, esse grande desconhecido.

Emilio Granzotto – Agora que se distribui sexo em todas as curvas, sexo no cinema, sexo no teatro, na televisão, nos jornais, nas canções, nas praias, ouve-se dizer que as pessoas estão menos angustiadas com os problemas ligados à esfera sexual. Os tabus caíram, dizem, o sexo não dá mais medo.

Jacques Lacan – A sexomania invasora é apenas um fenômeno publicitário. A

psicanálise é uma coisa séria que diz respeito, repito, a uma relação estritamente pessoal entre dois indivíduos: o sujeito e o analista. Não existe psicanálise coletiva assim como não existe angústias ou neuroses de massa.

Que o sexo seja colocado na ordem do dia e exposto na esquina das ruas, tratado como um detergente qualquer nos carrosséis televisivos, não comporta nenhuma promessa de algum benefício. Não digo que isso seja ruim. Não é suficiente certamente para tratar as angústias e os problemas particulares. Faz parte da moda, dessa fingida liberalização que nos é fornecida, como um bem dado de cima, pela dita sociedade permissiva. Mas não serve ao nível da psicanálise.

Entrevista originalmente publicada na revista francesa Magazine Littéraire, de fevereiro de 2004, e concedida a Emilio Granzotto na revista italiana Panorama em 1974. Revisão atualizada para esta publicação do Bloco Mágico.

Traduzida do italiano por Paul Lemoine.

Traduzida ao português por Marcia Gatto.

Revisão técnica por Sonia Leite.

Revisão textual por Maria Cecília Sousa.

DIDIER-WEILL PROCURA COTIDIANO DE SURPRESAS

Entrevista de ALAIN DIDIER-WEILL

A Betty Milan

Psicanalista acredita que o ser humano precisa de novidades e não pode desprezar o jogo e a arte

Alain Didier-Weill se formou em psicanálise com Lacan, de quem foi um dos interlocutores privilegiados. A convite do mestre, fez longas intervenções no seu seminário e se destacou por isso no movimento psicanalítico dos anos 70. Depois da dissolução da *Escola Freudiana de Paris*, da qual Didier-Weill era membro, ele criou com outros colegas *O Custo Freudiano* e participou da fundação do *Interassociativo*, que hoje reúne mais de 20 associações europeias. Além de psicanalista, é autor de várias peças de teatro, entre as quais *O Banco e Pol*, que recebeu o prêmio da crítica parisiense em 1975 e foi representada em Dublin, Lyon, Montreal e Nova York. Talvez por ser também um artista, lançou um livro de psicanálise, *Os Três Tempos da Lei* (1), que surpreende pela absoluta originalidade. Didier-Weill ousou fazer o que as associações psicanalíticas tendem a impedir e a psicanálise preconiza: renovar. A partir da sua obra, já não há como ignorar a importância da surpresa, em torno da qual o autor faz girar a teoria psicanalítica, mostrando, por exemplo, que o homem não pode dispensar o jogo e tampouco a arte

porque ele precisa se surpreender. Os *Três Tempos da Lei* torna claro que a verdadeira referência da psicanálise é a arte e que é preciso desconfiar dos que se dizem psicanalistas e são dogmáticos. Alain Didier-Weill talvez tenha chegado para dizer, como Edouard Manet, que o fundamental é não fazer de novo o que já foi feito pelos outros, é autorizar-se à invenção. O psicanalista concedeu entrevista ao *Caderno 2*, no Rio, onde participou no fim de novembro de uma série de conferências a convite da associação *Corpo Freudiano*.

Caderno 2: Você diz no seu livro que precisamos da arte e do jogo para nos surpreender. Como você explica esse gosto pela surpresa?

Alain Didier-Weill: Precisamos reencontrar a possibilidade de nos surpreender que tínhamos na infância. A surpresa é a irrupção na vida cotidiana de uma experiência que nos priva do que já sabíamos.

Caderno 2: Mas por que isso é importante?

Didier-Weill: Nós, que idolatramos o nosso saber, descobrimos com a experiência da surpresa que gostamos de ficar despossuídos do saber. O homem tem a nostalgia da infância, da época em que se surpreendia com todas as coisas.

Caderno 2: O que mais o surpreende no Brasil?

Didier-Weill: A bossa nova. Há no ritmo da bossa nova — tão contrário ao do tango, que nada tem de surpreendente — uma relação com o tempo que permite cantar sem gritar, como os roqueiros. A bossa nova dá vontade de dançar. A maneira como as mulheres brasileiras andam também me surpreende. É uma dança que se vai esboçando.

Caderno 2: Você dedica seu livro a Jacques Lacan, que você também chama de a nota azul...

Didier-Weill: Dediquei o livro ao meu mestre e à minha amante, a música. Achei interessante associá-los. A nota azul remete ao blues, claro, mas a idéia de associar a nota de música a uma cor me ocorreu lendo uma carta de Chopin, em que ele fala da nota azul como uma nota especial porque ela propicia o máximo de surpresa.

Caderno 2: Será que você poderia falar da relação existente entre o psicanalista e o músico?

Didier-Weill: Como psicanalista, nós vivemos no mundo das palavras e

trabalhamos com elas. Mas as palavras têm seus limites. Não conheço, por exemplo, uma interpretação que possa curar uma melancolia ou um delírio. Um analista deve poder ouvir, além das palavras, a música da voz do analisando. Trata-se de algo que não se pode ensinar. Um dia um analisando me contava uma história que era muito triste, mas ao mesmo tempo me fazia ouvir, pela música da sua voz, uma grande alegria. Quando eu ri, restituí ao analisando uma alegria que ele tinha, porém não escutava.

Caderno 2: Você é psicanalista e dramaturgo. Isso não é habitual. O que significa se dedicar à psicanálise e à arte?

Didier-Weill: Não existe contradição. Na cura analítica, tenta-se apreender as palavras que são as do sujeito, as palavras que o constituíram e eu chamo de o poema de cada um. E, quando o sujeito encontra esse poema, ele pode dar continuidade ao mesmo. O que temos de melhor são as palavras do poema que nos criou e nada têm a ver com discurso universitário.

Caderno 2: Após a dissolução da *Escola Freudiana de Paris*, você participou da criação do *Interassociativo*. Por que e como nasceu esse movimento?

Didier-Weill: Quando Lacan dissolveu a *Escola Freudiana de Paris*, apareceram 12 associações que, durante muitos anos, ficaram isoladas, à procura da sua identidade. Quando essa foi conquistada, surgiu a necessidade de estabelecer uma relação entre elas, construir uma passarela. O diálogo interassociativo evoluiu e nós resolvemos oficializá-lo, criando o

Interassociativo, que hoje reúne 20 associações europeias. A ideia é criar uma comunidade de psicanalistas que não estejam ligados por um discurso uníssono. Queremos manter a heterogeneidade de concepções.

Caderno 2: Qual é o futuro da psicanálise, na sua opinião?

Didier-Weill: Temo o pior e espero o melhor. A psicanálise que Freud nos transmitiu, a da descoberta do sujeito do inconsciente, é o oxigênio de que hoje precisamos, mas ela é algo perecível. Como, aliás, o discurso da tragédia na Grécia, que só durou um século. Com a aparição do discurso filosófico, o da tragédia sumiu de circulação. Só voltou com Shakespeare, muitos séculos depois. Algo de comparável pode agora se passar com a psicanálise. Por isso eu me empenho em transmiti-la e sou extremamente grato a Lacan, não porque ele tenha feito o retorno

a Freud, mas porque nos mostrou como cada analista pode fazer o retorno, à sua maneira.

A MAGIA DE UM INSTANTE FUGITIVO

“Como dar conta do poder que a bola tem sobre milhares de seres humanos que, no estádio ou na TV, olham durante horas as suas idas e voltas? Qual é a particularidade da surpresa provocada a cada vez que a bola desorienta suficientemente um dos parceiros para que ele a deixe passar? Ao que reenvia o espectador, seu desejo de se surpreender com esse efêmero instante? Seria pelo fato de os homens não encontrarem tais instantes fugitivos de surpresa que eles vão assistir aos jogos de futebol ou de tênis?”

Trecho de *Os três tempos da lei*, de Alain Didier-Weill

Entrevista originalmente publicada no Jornal O ESTADO DE S.PAULO na edição do dia 23 de dezembro de 1995 e revisada por Maria Cecília Sousa para esta edição do Bloco Mágico.

UMA PONTE SOBRE O ABISMO

Entrevista de ALAIN DIDIER-WEILL

A Cristina Lacerda

Psicanalista acaba com a distância entre a teoria e a observação do cotidiano

Alain Didier-Weill é psiquiatra e psicanalista lacaniano. Autor premiado de peças teatrais, veio da França no começo deste ano a convite da associação carioca *Corpo Freudiano*, para falar sobre seu novo livro “Os três tempos da lei”, que será lançado pela editora Zahar.

Em Paris, fundou o *Custo Freudiano*, uma escola lacaniana, e ajudou a criar o *Interassociativo*, grupo que congrega inúmeras associações psicanalíticas europeias, sobretudo, não dogmáticas.

Seu livro começa por nos trazer ao assombro, à surpresa, à sideração, uma positividade nova e absoluta. Torna-se parte de uma ponte que está sendo construída entre a tradição das ortodoxias teóricas e a observação minuciosa do corriqueiro, do detalhe humano, do profano. Uma ponte sobre o abismo que surgiu na França no pós-1968 e que certamente veremos com mais clareza no próximo século.

A seguir, Didier-Weill fala sobre seu relacionamento com Lacan e chega até o carnaval carioca, claro que sob o olhar da psicanálise.

TRIBUNA BIS: Por que você se tornou lacaniano?

DIDIER-WEILL: Sou lacaniano porque encontrei Lacan.

E fez análise com Jacques Lacan?

Fiz análise com ele durante dez anos.

Em que época da sua vida? Em que ano?

Eu sou da geração dos que se voltaram para Lacan depois de maio de 68. Faço parte de uma geração de jovens médicos recém-formados, internos de psiquiatria, que haviam começado a fazer análise, quase todos, com analistas do *Institut de Psychanalyse*, filiado à IPA (*International Psychoanalytical Association*). Durante os acontecimentos de maio de 68 na França, os psicanalistas vieram à cena política e... Enfim, estou entre aqueles que descobriram, durante a crise de 68, como os analistas que eram lacanianos marcaram sua especificidade ao tomarem a palavra.

A que grupo você pertencia?

Eu não fazia parte de um grupo. Era interno de psiquiatria e, por sinal, nem desejava tornar-me psicanalista. Achava o meio psicanalítico muito pouco estimulante, triste para o meu gosto, e tinha muito mais vontade de me dedicar à escrita literária. E teria tido essa oportunidade, pois, pouco antes de 68, eu havia escrito uma peça de teatro – intitulada *Pol* -, tinha feito uma boa carreira. Ganhei o prêmio da crítica naquele ano.

Como foi a passagem entre dramaturgo e psicanalista?

Sobre isso, posso lhe contar uma história que é típica de Lacan. Quando tive minha primeira entrevista com ele, eu havia acabado de interromper minha primeira análise. Fui ver Lacan para pedir-lhe um conselho, como se vai procurar o Ancião Sábio, a quem se pede orientação antes de tomar uma decisão importante: parar meus estudos de psiquiatria e psicanálise. O projeto de me envolver exclusivamente com a escrita teatral era uma decisão difícil de tomar. Fui ver Lacan e disse-lhe: "Todos os meus estudos me levaram à psiquiatria e à psicanálise. O senhor acha que é loucura minha querer largar tudo e tomar outro rumo que me parece mais interessante? Não vejo criação na psiquiatria; ela me parece estéril em comparação com o que eu quero fazer". Lacan me respondeu: "Compreendo-o perfeitamente. Você tem toda a razão". Contente com o sinal verde do Ancião, eu me levantei, e, quando eu ia saindo, Lacan me disse: "Até amanhã!". Mas nós já conversamos", respondi. "Sim. Até amanhã". "Bem, pensei eu, não devo ter-me

explicado bem, vai ser preciso explicar tudo de novo para ele". Voltei lá no dia seguinte e expliquei um pouco melhor o que já havia dito. Tornei a enumerar e analisar as razões pelas quais tinha vontade de deixar a profissão e trocá-la por uma atividade artística. Lacan me escutou com toda a atenção e depois disse: "Formidável tudo isso que você está me dizendo. Você tem toda a razão". Ele se levantou e, aliviado, eu fui me despedindo, dizendo "Até mais ver". E ele disse: "Até amanhã". "Como 'até amanhã'!...? Acho que não é mais necessário...". Muito bem, isso se reproduziu durante uma semana. Eis como, genialmente, Lacan me segurou pelo colarinho, sempre dizendo: "Perfeitamente, meu amigo. Você tem toda a razão. Até amanhã". E eu fui voltando. E o "até amanhã" de Lacan durou dez anos.

E você manteve contato com Lacan depois desses dez anos?

Depois de minha análise com Lacan, continuei a trabalhar com ele durante três ou quatro anos. E lhe propunha questões sobre a teoria psicanalítica. Quando eu observava coisas que tinha aprendido na minha análise e na de alguns de meus pacientes, muitas vezes não encontrava resposta nem em Lacan nem em Freud. Aí eu lhe trazia questões. Certa manhã, levei a Lacan algumas inquietações teóricas. Quando o deixei, ele não me tinha dito nada; apenas ficou com um papel escrito que eu tinha levado. Às vezes ele era assim. E aí ele me telefonava para que retomássemos o diálogo, para voltar e trabalhar sobre aquela determinada questão. Certa vez ele veio à minha casa, falamos sobre o assunto e ele me perguntou. Aliás, não perguntou. Nesse

gênero de coisas não se discutia com Lacan. Ele me disse: "Falarei disso no seu seminário depois de amanhã". Ora, era um trabalho de analisando, uma pesquisa que vinha da clínica, que ele pedia para usar em seu seminário. Era o tipo de coisa que ele fazia: telefonar às 11h30 da noite. Eu entendi que ele tinha vontade de falar. Creio que Lacan tinha momentos de imensa solidão.

Você encontrou em Lacan fortes impressões: a solidão, a angústia, o homem que chegou a uma certa posição de mestria e se sente só. Com toda a trepidação cultural que causou, ele se sentia muito solitário?

Nunca vi ninguém que soubesse o que é a solidão, como Lacan sabia. No caso de Lacan, isto ficava acentuado, porque ele vivia cercado de muita gente. Lembro-me de tê-lo surpreendido em certos colóquios, cercado de quase mil pessoas: lá estava Lacan e, num perímetro de 20 metros quadrados em volta dele, pessoas que não chegavam muito perto. Lembro-me de ter surpreendido, nessas situações, no olhar de Lacan, um apelo. Um apelo a um encontro com o outro. Porque ninguém ousava falar-lhe.

A solidão do poder?

A solidão do poder é desejada. Pode ser assumida. Lacan não era um homem de poder. Mas ele teve poder. E creio que ter tido esse poder não o fez feliz. Poucas vezes tentei falar com ele em um outro contexto, que não o nosso diálogo teórico. Mas, na verdade, não ousei fazer isto. Agora tenho vergonha quando me lembro de por que

não ousei ou não pude fazer isto. Como ele era meu analista, não consegui responder a ele.

Talvez, justamente porque Lacan era seu analista, na hora em que ele abriu a possibilidade de menos mitificação, de uma relação mais amistosa e menos hierarquizada, você não conseguiu entendê-lo?

Sim, foi difícil. Mas penso que essa mudança não é impossível. Hoje, com meus próprios analisandos, tento, num dado momento da análise, tornar possível que, ao mesmo tempo que a análise continua, seja estabelecida uma relação de trabalho em outro plano. Quer dizer, busco, a um certo momento, não me colocar na posição do "outro absoluto, mas de um pequeno outro", relativo, com suas fraquezas, suas bobagens. Eu próprio não consegui, enquanto Lacan era vivo, viver o "outro absoluto" que ele representava e, ao mesmo tempo, o "pequeno outro" que ele representava enquanto meu semelhante. Não consegui fazer dele meu igual. A relação de trabalho era o único território onde era possível uma igualdade. Quando ele vinha à minha casa - pois muitas vezes preparamos seminários juntos - nós nos aproximávamos. Mas isso me angustiava muito. E continuo a pensar nisto. Quando desenvolvo meu trabalho, penso nisto. Tive vários sonhos, onde dialogo com Lacan.

E como são esses diálogos com Lacan nos sonhos?

Não me lembro de tudo, mas às vezes ele diz: "Não, isso não é pensado assim, pode ser de

outra maneira". E ele me falava coisas absolutamente geniais.

E de que você se lembra, quando acorda?

Quando eu acordo, esqueço quase tudo. Lacan escuta no meu sonho, como sempre, melhor do que eu escuto. E o simples fato de ser escutado traz quase uma obrigatoriedade, nos impele. O fato de ser realmente escutado é terrível. Não se pode mais mentir a si próprio, nem a ninguém. É um pouco como o "mot d'esprit" (o chiste). Quando alguém nos dá um "mot d'esprit", é gratuito. No entanto, o simples fato de que isto seja um dom gratuito nos torna muito mais responsáveis do que se devêssemos pagar por ele.

Em seu livro "Les trois temps de la loi" você fala de coisas inesperadas, de mitologia, da Nota Azul a que Chopin se referiu, da procura do enlevo, do "deixar-se fascinar pela vida". Ao mesmo tempo é um livro de teoria psicanalítica.

Eu gostaria que fosse um livro que pudesse ser lido por não analistas. Tentei não esmagar o leitor com conceitos analíticos já previamente forjados. E assim, procurei partir, o tempo todo, do sentido primeiro das coisas, tentando fazer o leitor chegar à significação de cada conceito psicanalítico de que me valho. Isso, em minha opinião, é uma conquista, porque considero que não se deve utilizar os conceitos psicanalíticos como se estivéssemos de acordo, como se soubéssemos o que aquilo quer dizer. Tento mostrar que cada conceito analítico deve ser reinventado por quem dele fala. Esse não é o objetivo do livro, que é expor certas teorias.

Não é o objetivo, mas é o método. Escrevi para tentar transmitir alguns pontos teóricos, algumas dificuldades que encontro na prática clínica, para as quais não achei solução nem nas obras de Freud nem nas de Lacan, por mais geniais que estas sejam. As teorias de Freud e de Lacan não pararam no tempo. São momentos do pensamento, e a grandeza de pensadores como Freud e Lacan é sua força instigante. Ela instiga a palavra, instiga o pensamento a pensar e a fazer acontecerem coisas que estão em germe, permitindo seu desenvolvimento.

E sua peça, "Pol", que em 1975 lhe deu o prêmio de dramaturgia? O que você pode nos dizer sobre a peça e sobre sua própria produção teórica depois dessa época?

Imaginei a seguinte situação: a uma cidadezinha do interior da França chega Pol, um personagem um tanto bizarro, com uma maleta. Depois (no fim da peça) sabe-se que não havia nada dentro da maleta. Mas Pol fala com todo mundo; não tem qualquer mensagem a transmitir; simplesmente fala com as pessoas. Mas o fato de que ele fala com as pessoas, as quais não estão habituadas a que lhes falem, cria, nessa cidadezinha, verdadeiras mutações, com tomadas de posição passionais em relação àquele indivíduo insólito. Alguns caem de amores por Pol; outros morrem de ódio dele... Os notáveis da cidade interpretam, para os outros, quem é Pol: o psiquiatra acha que ele é um esquizofrênico; o comissário de polícia pensa que ele é terrorista; o diretor da grande fábrica teme que se trate de alguém que pretende lhe arrancar dinheiro mediante chantagem. Os "tiras" têm, cada qual, sua interpretação. Pol é uma metáfora do inconsciente; é a metáfora de um bom

analista que sabe dizer o que é preciso dizer para que cada um encontre o seu inconsciente. Só que eu não tinha qualquer projeto teórico ao começar a escrever a peça; só depois eu me dei conta de tudo isso. E nesse "só-depois", por sinal conversando com Lacan, dei-me conta de que Lacan tinha parentesco com um deus de que muito gosto desde então: Dioniso.

Mas Dioniso é, justamente, o deus do teatro?

São diversas as razões pelas quais Dioniso tem grande interesse para o teatro. E também para nós terapeutas. Para começar, é um deus que foi objeto de culto que durou séculos e, finalmente, um deus cujo ritual nos símbolos, proporcionou a cena trágica, o teatro. E ele amava também o vinho. E foi ele, além disso, que nos deu o tratamento da loucura. Era um deus que nascera de um deus e de uma mortal e que - à semelhança de outro deus muito importante para os cristãos - caminhava entre os homens, que se dividiam entre os que conheciam a sua divindade e os que não a reconheciam. E, igualmente, como Jesus Cristo, Dioniso era um deus que morria e ressuscitava. Abro parênteses aqui para lembrar que, no século IV a.D., quando os padres da Igreja redescobriram o mito de Dioniso, fecharam logo esse capítulo, horrorizados com a ideia de que se pudesse estabelecer um paralelo entre Cristo e Dioniso, ou seja, horrorizados com o fato de que se pudesse apontar raízes pagãs para os deuses cristãos. Dioniso é um deus que separa o homem da mulher. Quando ele caminhava entre os humanos, sua divindade se fazia entender pela música, sua divindade não era reconhecida pelos

homens, mas pelas mulheres. Eram as mulheres que reconheciam Dioniso.

Nas procissões dionisiacas as bacantes iam abrindo caminho para anunciar o deus...

Sim, as bacantes eram sempre mulheres. Os homens gregos da época, que buscavam compreender o que as mulheres iam fazer na floresta com Dioniso, conforme se lê em "As bacantes", de Eurípidés, supunham que elas iam entregar-se a orgias sexuais. Essa era a interpretação dos homens. Quer dizer, os homens não podiam conceber que uma mulher pudesse ter acesso a, por assim dizer, uma ordem para além do sexual. Transportes de ordem mística eram coisas inconcebíveis para os homens, que reduziam tais transportes ao gozo sexual. Uma outra coisa muito interessante que nos é ensinada pelo mito de Dioniso é que, para os gregos, seguir Dioniso era cair no "entusiasmo", o que significa ser tomado, habitado pelo deus, no caso Dioniso. E, para os gregos, esse tipo de "entusiasmo" era considerado uma espécie de loucura. Mas aquele que recusa essa loucura, que resiste a essa loucura, é que vai ficar louco, no sentido patológico da palavra.

Havia o bode ("tragos") nos desfiles das festas dionisiacas (de que se originaram as tragédias). Pode-se dizer que esse animal simbolizava a parte louca ou "negativa", e mesmo diabólica, do rito dionisiaco?

Sim. Há inclusive pesquisadores na *École Pratique des Hautes Etudes* em Paris que pensam ser o carnaval do Rio de Janeiro um avatar do rito dionisiaco. Para alguns deles, o carnaval é o "charnaval", o carro que estava

no fundo da água e do qual saía Dioniso. No fundo da água, nesse carro com o cortejo de mortos que o invadiam, fazia-se a festa de reconciliação entre mortos e vivos.

Você descobriu em sua análise com Lacan quem era a personagem Pol, uma personagem dionisíaca. Como é esse parentesco Lacan/Dioniso/Pol a que você faz referência?

Talvez Pol prefigurasse meu encontro com Lacan. Era, talvez, o analista que eu encontraria: eu encontrei Pol. Alguém totalmente inesperado, imprevisível, que

dança. Dioniso era um deus que dança, e Lacan tinha uma grande liberdade com seu corpo. Durante as sessões, ele dava grande liberdade a seu corpo: mexia-se, não ficava em sua poltrona quase nunca. Era comum que circulasse pelo consultório. Enquanto você ficava deitado no divã, Lacan circulava, vinha até você e olhava nos seus olhos: praticamente enfiava o nariz na sua cara. Ele tinha uma grande liberdade interior que transparecia em seu corpo. Era o contrário de alguém constipado, com prisão de ventre. E transmitia assim uma grande liberdade interior do corpo, que era a mesma liberdade de espírito e de palavra tão características de Lacan.

Entrevista originalmente publicada no Jornal TRIBUNA DA IMPRENSA na edição do dia 25 de abril de 1996, e revisada por Maria Cecília Sousa para esta edição do Bloco Mágico.

IX ENCONTRO NACIONAL E IX COLÓQUIO INTERNACIONAL

É tempo de rememorar!

Entre os dias 14 e 16 de novembro de 2019, na cidade do Rio de Janeiro, o Corpo Freudiano recebeu 400 participantes interessados na transmissão da psicanálise. Reunidos no Hotel Vila Galé, situado no histórico bairro da Lapa, compartilharam momentos de trocas e discussões abrilhantadas pelas conferências, plenárias e mesas que discorreram pelos diversos eixos temáticos da convocatória *O Mundo e o Imundo – a psicanálise diante do horror*.

As atividades iniciais ficaram a cargo do *III Simpósio da Rede de Psicanálise e Psiquiatria do Corpo Freudiano* que constituem um espaço aberto de interlocução e de intercâmbio de pesquisas, posições teóricas e reflexões sobre os

desafios contemporâneos no campo da psiquiatria e da saúde mental. Após a conferência de abertura *“O futuro do presente: incidências clínicas da (Psico)Patologia do Sujeito”*, ministrada por Mario Eduardo Costa Pereira (Núcleo São Paulo), os debates seguiram conduzidos por duas mesas propostas pela Rede.

Para entremear e suavizar o impacto da invasão do imundo no mundo atual, a Comissão Organizadora, constituída por Cláudio Piccoli, Denise Maurano, Heloneida Ferreira Neri, Marco Antonio Coutinho Jorge e Tania Quintas Grego Rosas, trouxe para o evento diversificadas intervenções artísticas, todas apreciadas pela plateia.

A seguir, recordamos alguns momentos registrados no evento.





ABERTURA: TRIBUTO A ALAIN DIDIER-WEILL

O que esperar? - Denise Maurano (Rio de Janeiro)

Alain Didier-Weill e a insituição psicanalítica - Marco Antonio Coutinho Jorge (Rio de Janeiro)

Liberdade, igualdade, fraternidade: os direitos do Homem na Escola de Alain Didier Wiell - Paolo Lollo (Paris)

Alain Didier-Weill, ainda e sempre - Urânia Tourinho Peres (Salvador)



Moção de Congratulação e Louvor da Câmara Municipal do Rio de Janeiro
oferecida pelo Vereador Dr. Marcos Paulo (PSOL)
ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise e a Marco Antonio Coutinho Jorge



PLENÁRIA 1

Coordenação: Laéria Fontenele

Ministério contra as mulheres, os estudos de gênero e os povos indígenas - Betty Fuks (Rio de Janeiro)

O ódio nas relações sociais - Betty Milan (São Paulo)

O ódio do homem à mulher de gozo Outro - Malvine Zalberg (Rio de Janeiro)



CONFERÊNCIA: Do imundo no pensamento

Paola Mieli (Nova Iorque)

Coordenação: Marco Antonio Coutinho Jorge



PLENÁRIA 2

Coordenação: Denise Maurano

Meu nome é "ninguém" e todo mundo me chama "ninguém". Os indiferenciados - Ana Petros (Tucumán)
 Racismo: a dor surda do divã - Marcelle Esteves (Rio de Janeiro)



CONFERÊNCIA

O bárbaro imundo está em mim - Patrick Landman (Paris)
 Coordenação: Mario Eduardo Costa Pereira



PLENÁRIA 3

Coordenação: Felipe Castelo Branco

Não havia outra escolha... Do devir-desistente ou do devir-persistente - Jean-Michel Vivès (Nice)

O real, a alteridade e a verdade na psicanálise - Laéria Fontenele (Fortaleza)



PLENÁRIA 4

Coordenação: Claudia Braga Andrade

Por que estaremos sob o charme do mundo se execramos o imundo? - Nadiá Paulo Ferreira e Macla Nunes (Rio de Janeiro)

Abominamos o imundo? - Sonia Leite (Rio de Janeiro)



Rapper Dudu de Morro Agudo e bailarina de street dance

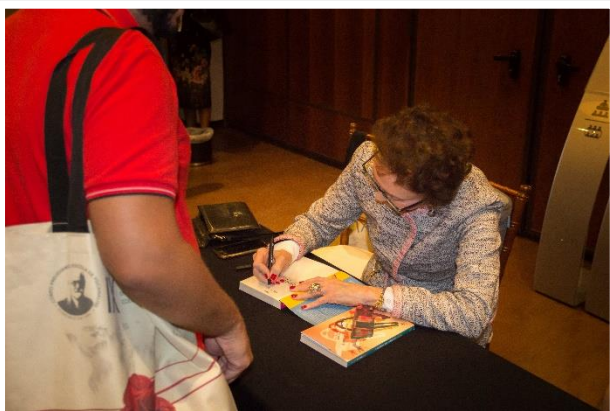


Coquetel de Boas Vindas: Banda Jazz Out



Lançamentos dos livros

- Patrick Landman – Todos hiperativos? A incrível epidemia dos transtornos de atenção
 - Ana Suy Sesarino Kuss – As cabanas que o amor faz em nós
 - Betty Milan – O papagaio e o doutor
- Denise Maurano – Elementos da clínica psicanalítica – v.1: o desejo e sua ética
 - Jean-Michel Vivès – Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante
 - Malvine Zalcberg – De menina a mulher – cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise
- Marco Antonio Coutinho Jorge (org.) – Lacan e a formação do psicanalista





Analistas Associados da Escola

Poesia: Juliana Leal, Paula Rego-Monteiro e Cassia Amara Azevedo

Música: Patrick Werner, Edson Barbosa e Thomas Speroni

Participações especiais: Júlia Borges e Marcílio Pereira



Canto Com-Junto e seus Piqueniques Musicais

Prof. Dr. Fernando Ariani (Extensão/Unirio)



Performance – Numa Ciro



ENCERRAMENTO – Marco Antonio Coutinho Jorge



INFORMES

Seção Paris (Fr)

Invitation au

SÉMINAIRE PSYCHANALYSE, LITTÉRATURE

Gradiva, une traversée entre littérature et psychanalyse

Laurent Peyronnie

Paolo Lollo

Emmanuel Valat

Voici les dates des rencontres:

- 29 mars 2020

- 18 avril 2020

Le Fil Rouge - Galerie théâtrale

RDC, 4 rue Wurtz 75013 Paris

Núcleo São Paulo (SP)

**REVISTA
LATINOAMERICANA
DE PSICOPATOLOGIA
FUNDAMENTAL**



Associação Universitária
de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental

🐦 f G+

**II° SIMPÓSIO
TEMÁTICO**

**PSICOPATOLOGIA,
ARTE E CULTURA**

SAVE THE DATE
4/4/2020

**Programação completa em breve
no site do LaPSuS-Unicamp e nas
redes sociais da AUPPF**

**SÁBADO DAS
9H ÀS 16H30
NO INSTITUTO
DA CRIANÇA
(ICR) DA
FACULDADE
DE MEDICINA
DA USP**



PROGRAMAÇÃO

<p>12.03 Secção Clínica</p> <p>Apresentação: Celi Cavallari</p> <p>Comentários: Jorge Broide</p> <p>Coordenação: Maria Tereza Martins Lamberte Psiquiatra e Psicanalista do ICr HCFMUSP Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Núcleo São Paulo</p>	<p>19.03 Seminário de Leitura</p> <p>Coordenação: Mário Eduardo Costa Pereira Psiquiatra e Psicanalista Professor do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Núcleo São Paulo</p>	<p>26.03 Produção e Estilo</p> <p>Diálogos: A Produção e o Estilo como Operadores Fundamentais na Transmissão da Psicanálise</p> <p>Convidado: Alan Victor Mayer</p> <p>Coordenação: Amanda Teixeira Rizzo e Daniel Hamer Roizman Psicanalistas Membros do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Núcleo São Paulo</p>
--	---	--

Horário: 20h30
às 22h30

Inscrições no local

VALOR:
R\$ 60,00

Local:
Instituto da Criança e do
Adolescente - HCFMUSP
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar 647,
Portaria 2 - Cerqueira César

APOIO:



CORPO FREUDIANO SÃO PAULO

FORMAÇÃO PSICANALÍTICA 2020

- **Fundamental e permanente**

ATIVIDADES COM INÍCIO EM MARÇO E ABRIL

INSCRIÇÕES:
cfsp_acolhimento@corpofreudiano.com.br

VISITE NOSSO SITE:
www.corpofreudiano.com.br



LOCAL: INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP.
ANFITEATRO TERREO.
AVENIDA DR. ENEAS DE CARVALHO AGUIAR, 647
PORTARIA 2 - CERQUEIRA CESAR, SÃO PAULO - SP

APOIO:




ACONTECIDOS

Núcleo Teresópolis (RJ)

CORPO FREUDIANO DE TERESÓPOLIS convida:

Sábado
15 de Fevereiro
9h30

“TRANSE! NÃO TRANSE!”
A EDUCAÇÃO SEXUAL NA BERLINDA

Mesa Redonda

Gabriella Freidman
Educadora sexual, professora da rede pública de Teresópolis

Maritza Garcia
Psicanalista, Doutora em psicologia clínica Puc-Rio

Ana Teresa Derraik
Diretora Médica do Nosso Instituto /
Diretora Geral do Hospital da Mulher
Heloneida Studart

Local: **UNIVERSIDADE ESTÁCIO**
Rua Nilza Chiapeta Fadigas, 488
Várzea, Teresópolis - RJ


Tel.: 98427-1847
teresopolis@corpofreudiano.com.br

APOIO


Estácio

TRANSFERÊNCIA E RESISTÊNCIA

seminário com

SONIA LEITE
Psicanalista
Membro do Corpo Freudiano Seção RJ

SÁBADO
7 de MARÇO
9h30 às 13h30

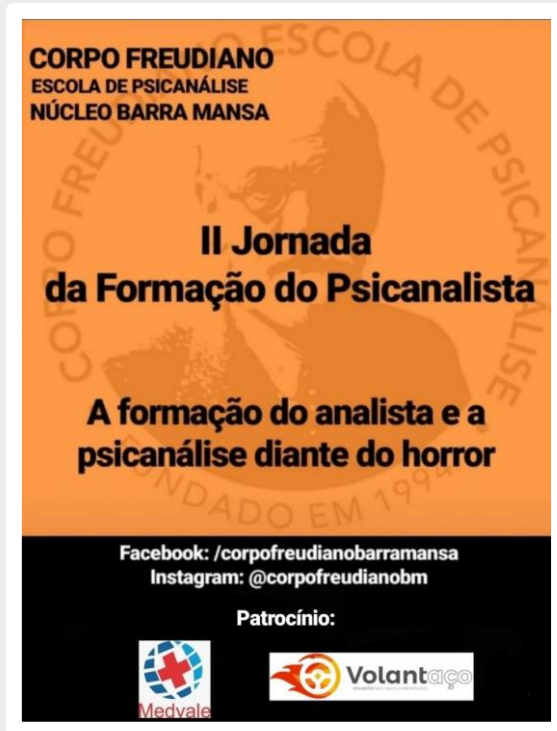


Realização:
Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Núcleo Teresópolis
Formação Básica Módulo Transferência e Repetição



Local:
Rua Heitor de Mourão Estevão, 438
Várzea - Teresópolis - RJ - Tel.: 98427-1847
teresopolis@corpofreudiano.com.br

Núcleo Barra Mansa (RJ)



Seção Belém (PA)

CORPO FREUDIANO - ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO BELÉM
PROCESSO SELETIVO



Curso
“Formação básica em Psicanálise”



Inscrições:
De: 01/11/2019 a
31/01/2020
Rua Presidente Pernambuco, 426
Vila Francisco Soares, casa 36
Batista Campos

Informações:
(91) 98289-7529
(91) 3199-4476

www.corpofreudiano.com.br
belem@corpofreudiano.com.br
E-mail: secretaria.corpofreudianobelem@gmail.com

Núcleo Nova Friburgo (RJ)



SEMINÁRIO

Nadiá
Paulo
Ferreira

Simbólico: um dos espaços habitado pelo falante

Sábado 29/2 - 9:30 hs
Auditório da Universidade Estácio de Sá

Seção Campos dos Goytacazes (RJ)



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE
Seção Campos dos Goytacazes - RJ

Convida

Aos associados para o início da Formação Básica.

INTRODUÇÃO AO MÓDULO: INCONSCIENTE E PULSÃO

COORDENAÇÃO
Marco Antonio Coutinho Jorge

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ. Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio Janeiro.

LOCAL
Corpo Freudiano
R Conselheiro Otaviano, 86 - sala 801
Centro - Ed. Fleming

INSCRIÇÕES
(22) 99816 - 1908
cristianyabreu42@gmail.com

13 Março
Sexta-feira
Das 19h às 21:30h

14 Março
Sábado
De 9h às 13h



Seção São Luís (MA)



CORPO FREUDIANO

CICLO DE SEMINÁRIOS
PSICANÁLISE E INFÂNCIA

AUTISMOS E PSICOSE NA INFÂNCIA
Funcionamentos a aprender

Seminário com
Dra. Cláudia Fernandes (BA)

Doutora em Psicologia Clínica pela USP SP (2010).
Mestre em filosofia da ciência pela Universidade de Campinas, UNICAMP (2003)
e especialização em psicopatologia do bebê pela Université de Paris Nord dep. de medicina (1990)
e em epistemologia da psicanálise, UNICAMP (1998).

28 | 29 de Fevereiro

Local: CRM - MA
Maiores informações e inscrições:
site: doity.com.br/infancia
Whatsapp: 98 991577693

Valores de Inscrição:
Profissionais: R\$ 150
Estudantes de Graduação: R\$ 100



CAFÉ FREUDIANO APRESENTA

SE SEU OLHAR MUDA TUDO MUDA!

.....

COM A PSICANALISTA
CLÁUDIA MASCARENHAS (BA)
MEDIÇÃO DO PSICANALISTA
WILLIAM AMORIM
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DA CANTORA
TÁSSIA CAMPOS

SÁBADO (29 DE FEVEREIRO) NA AMEI DO SÃO LUÍS SHOPPING DAS 10H ÀS 12H

Seção Fortaleza (CE)



A Prof^a Laéria Bezerra Fontenele, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, é a nova integrante da Academia Cearense de Letras. A docente assumiu, na última quinta-feira (5), a cadeira nº 24, vaga após o falecimento do Professor Emérito da UFC Pedro Paulo de Souza Montenegro.

Professora titular da UFC, Laéria Bezerra Fontenele é a primeira psicóloga e psicanalista a integrar o seleto grupo de membros da Academia Cearense de Letras. Possui graduação em Psicologia (1986), mestrado (1993) e doutorado (2000) em Sociologia, todos pela UFC. Atua como docente da graduação e da pós-graduação em Psicologia na mesma instituição, onde também coordena o Laboratório de Psicanálise. Dirige o Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Fortaleza e integra a Academia de Letras e Artes do Nordeste (Núcleo Fortaleza).

É autora de diversos capítulos de livros, artigos de revistas científicas e de trabalhos em anais de eventos científicos nas áreas de Psicologia e Psicanálise. É autora principal das seguintes obras: A interpretação (2002); A máscara e o véu: o discurso feminino na escritura de Adélia Prado (2002). Também é autora e organizadora dos títulos: A teoria da sexualidade 100 anos depois (2005); Psicanálise: teoria, clínica e conexões (2006); e A letra, o olhar e a voz (2009).

Seção Paris (Fr)

INTRODUCTION À LA TOPOLOGIE

Dimanche 1^{er} mars 2020 De 15h00 à 17h00

Freud a transmis l'analyse du psychisme humain à partir de son ouvrage "Psychopathologie de la vie quotidienne".

Dans ce travail il analyse des productions humaines non pathologiques telles que le lapsus, le mot d'esprit, le rêve etc.

Lacan a repris cette approche en la rattachant à des structures psychiques qui sont compatibles avec la recherche freudienne.

Ces structures font appel à une branche des mathématiques, la topologie

générale. Il se trouve que ces structures mathématiques peuvent paraître difficiles d'accès pour les non-scientifiques. Mais la présentation lacanienne de leur usage simplifie grandement l'interprétation de ces phénomènes courants, quotidiens.

Nous essaierons de rendre compte de cette approche qui conjoint Freud et Lacan, à partir de quelques exemples simples, quotidiens.

Jacques Siboni

Lieu: Chez Jacques Siboni - tél.: 0142287678.

8 passage charles albert 75018 Paris

Infos: mail: corpofreudiano@free.fr



Seção Rio de Janeiro (RJ)



100 ANOS DE FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

Dia 31 de janeiro de 2020 faz 100 anos de fundação do primeiro Instituto de Formação Psicanalítica, criado em Berlim em 1920.

O Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro comemorará essa data importante com apresentações de seus analistas a respeito da história e da estrutura da formação psicanalítica, antes e depois de Lacan.

Você está convidado a participar.

Intervenções previstas:
 Derezien Freire | Macla Ribeiro Nunes | Marco Antonio Coutinho Jorge
 Nadia Paulo Ferreira | Numa Cro | Patrick Werner dos Anjos

Sexta-feira, 31 de janeiro de 2020 | 19:00h | Entrada Franca

CORPOFREUDIANORIO
 Local: Rua Hemenegildo da Barros, 27 – 2º andar, Metrô Glória, Rio de Janeiro – RJ
 Telefone: (21) 2295-0337 | riojaneiro@corpofreudiano.com.br | www.corpofreudiano.com.br





CORPOFREUDIANORIO

Três lições sobre o laboratório do analista
 Marco Antonio Coutinho Jorge

Terças-feiras de 19:30h às 21:00h
 Dias 14, 21 e 28 de janeiro de 2020

A interpretação
O objeto *a*
O tempo na análise

Entrada Franca

Rua Hermenegildo de Barros, 272º andar – Metrô Glória – Tel 2295-0337



9, 16, 23, 30 de janeiro e 6, 13 e 20 de fevereiro, Quintas-feiras, 8:30 às 11:30 , Entrada Franca - Rodada de reapresentações dos trabalhos apresentados por nossos colegas da Seção Rio de Janeiro no IX Encontro Nacional da Escola.

